

---

## Sumário

|                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Prefácio</i> .....                                        | 7   |
| <i>Reduções gráficas</i> .....                               | 11  |
| Introdução .....                                             | 13  |
| 1 A Parábola dos Filhos Pródigos e seu Pai .....             | 39  |
| <i>Lucas 15.11-32</i>                                        |     |
| 2 Posso ser salvo sem administrar bem os recursos? .....     | 55  |
| <i>Lucas 16.19-31</i>                                        |     |
| 3 Quem é o meu próximo mais importante? .....                | 71  |
| <i>Lucas 10.25-37</i>                                        |     |
| 4 Posso ser salvo se me recuso a perdoar os outros? .....    | 89  |
| <i>Mateus 18.23-35</i>                                       |     |
| 5 Administradores astutos .....                              | 103 |
| <i>Lucas 16.1-13</i>                                         |     |
| 6 Vamos brincar de casamento, vamos brincar de funeral ..... | 119 |
| <i>Mateus 11.16-19</i>                                       |     |
| 7 Como você ouve? .....                                      | 133 |
| <i>Mateus 13.1-23</i>                                        |     |
| 8 Sementes, ervas daninhas e crescimento explosivo .....     | 151 |
| <i>Mateus 13.24-43</i>                                       |     |

|    |                                                |     |
|----|------------------------------------------------|-----|
| 9  | O reino dos céus: não tem preço .....          | 167 |
|    | <i>Mateus 13.44-52</i>                         |     |
| 10 | O porão do Hard Rock Cafe .....                | 181 |
|    | <i>Mateus 7.13-27</i>                          |     |
| 11 | A parábola do homossexual em recuperação.....  | 197 |
|    | <i>Lucas 18.9-14</i>                           |     |
| 12 | Ore e persevere .....                          | 215 |
|    | <i>Lucas 18.1-8</i>                            |     |
| 13 | O custo do discipulado .....                   | 231 |
|    | <i>Lucas 14.25-35</i>                          |     |
| 14 | Como se preparar para a volta de Cristo.....   | 245 |
|    | <i>Mateus 24.43—25.30</i>                      |     |
| 15 | Quem são realmente as ovelhas e os bodes?..... | 261 |
|    | <i>Mateus 25.31-46</i>                         |     |
|    | Conclusão.....                                 | 275 |
|    | <i>Índice de passagens bíblicas</i> .....      | 279 |
|    | <i>Índice remissivo</i> .....                  | 281 |

---

## Prefácio

**P**ara alguns leitores, pode parecer presunçoso um acadêmico especializado em Novo Testamento escrever um livro sobre pregação. Ao contrário de um enorme número de pastores, não apenas não prego semana após semana, mas também jamais fui pastor de tempo integral! Quando comparo meus sermões com uma lista do supassumo das mensagens favoritas de pregadores a quem respeito muitíssimo, sou tentado a concordar que minha pobre contribuição dificilmente merece ser publicada. Na maioria dos domingos, “fico restrito” a uma classe de adultos na escola dominical, desempenhando meu ministério principal de fim de semana.

Em contrapartida, tenho aprendido com alguns professores proeminentes: Lloyd Perry, Haddon Robinson, Paul Borden e Scott Wenig. Desde os meus tempos de seminário, poder ouvir exposição bíblica excelente sempre tem sido um fator muito importante na hora de escolher uma igreja, e sou grato por tudo o que tenho absorvido menos formalmente de Wayne Lehsten, Ray Inkster, Richard Walker, Roy Clements, Frank Tillapaugh, Clyde McDowell, Bill Muir, Jerry Sheveland, Sid Buzzell e Mike Romberger. Lecionar em uma faculdade cristã durante três anos e em um seminário teológico por dezessete anos me deu a oportunidade de ouvir muitos pregadores proeminentes nos cultos da instituição teológica. Embora não tenha trabalhado como pastor de tempo integral, em mais de uma oportunidade fui pregador interino e, em média, sou convidado a pregar em várias igrejas sete ou oito vezes por ano. Aliás, uma das vantagens de *não* pregar regularmente no mesmo púlpito e para a mesma congregação é que, em prazo

relativamente curto, posso revisar e reutilizar alguns dos sermões que escrevo e, assim, contar que melhorem a cada sucessiva revisão.

Apesar dessas oportunidades, eu jamais imaginaria escrever um livro como este, não fossem três outros acontecimentos. O primeiro foi o convite feito pelo dr. Jerry Sheveland, que na época era o pastor titular de minha igreja, para lecionar com ele a disciplina de “Pregação de Parábolas” do programa de doutorado em ministério do Denver Seminary. Embora tivéssemos apenas quatro alunos (ou talvez em parte por causa disso), tivemos uma interação maravilhosa com quatro homens que já haviam granjeado a reputação de serem excelentes pregadores e pastores: Tom Hovestall, Brad Strait, Allan Meyer e Mike Grechko. Apreendi muito com cada um deles e não apenas com Jerry. O segundo acontecimento foi um convite de Allan Meyer para participar de uma conferência de pregadores em Melbourne, na Austrália, onde ele é pastor. De novo, o ensino foi em dupla e novamente sobre o tema da pregação de parábolas. Pode se dizer com segurança que Allan é um dos pregadores mais talentosos do movimento evangélico australiano da atualidade, e aproveitei muito do seu ensino. O terceiro e último catalisador foi a sugestão de Jim Kinney, editor de livros acadêmicos da Baker Book House, para que eu pensasse na ideia de escrever um livro sobre o assunto, com seu apoio incondicional ao longo de todo o processo.

Sou grato pelas sugestões menos formais feitas, ao longo dos anos, por alunos do Denver Seminary, aos quais preguei algumas dessas mensagens nos cultos e/ou as esbocei em sala de aula no seminário. Sou particularmente grato pela oportunidade de também usar vários desses sermões em cursos e cultos em contextos transculturais como parte de atividades de ensino e ministério pastoral em Dublin (Irlanda), Melbourne (Austrália), Vancouver (Canadá) e na Cidade da Guatemala. Esse último contexto, juntamente com um retiro de igrejas hispânicas afiliadas à Conferência Geral Batista e situadas na região de Denver, proporcionou-me a oportunidade de traduzir e pregar em espanhol algumas mensagens, e também de ouvir o *feedback* de ouvintes latinos.

Acrescento uma palavra de gratidão a Jeanette Freitag, secretária do corpo docente do Denver Seminary, por digitar os rascunhos de meus sermões, que estavam originalmente gravados em fita cassete, e por outras atividades de edição na fase final de revisão do manuscrito inteiro. Meu assistente de pesquisa durante o ano letivo de 2002-2003, Jeremiah Harrelson, também ajudou bastante na pesquisa de livros para a bibliografia adicional. Agradeço também as decisões corajosas da editora Zondervan e da International Bible Society de continuarem os

planos de publicar a Today's New International Version (TNIV) [Nova Versão Internacional de Hoje], apesar das críticas generalizadas e desnecessariamente polêmicas, muitas vezes acompanhadas de informações factualmente imprecisas sobre o projeto de tradução. Usei a TNIV em todas as citações do Novo Testamento, pois é mais exata quando utiliza o jeito de se expressar do inglês de hoje para traduzir referências de gênero a seres humanos e mais literal do que a NIV em cerca de três quartos das outras alterações feitas.<sup>1</sup>

Há mais alguém que, ao longo dos anos, me influenciou mais do que ele provavelmente desconfia. Enquanto eu estudava no Trinity Evangelical Divinity School, participava dos cultos na igreja North Suburban Evangelical Free Church, em Deerfield, Illinois. Naquele tempo, o pastor de jovens era um extrovertido e animado jovem (apenas quatro anos mais velho que eu) chamado Lee Eclov. Foi naquela igreja que conheci Fran Fulling, a mulher que se tornaria minha esposa. Foi nela também que Lee me deu a oportunidade de fazer parte da sua equipe de liderança e, ao mesmo tempo, realizar o estágio exigido pelo seminário Trinity. Embora eu o ouvisse pregar muito raramente, seu ensino a cada semana em nosso grupo de jovens sempre era criativo, desafiador, otimista, fiel à Palavra de Deus e uma inspiração para o tipo de professor que eu almejava ser. Quando Fran e eu nos casamos, Lee oficiou o nosso casamento — seu primeiro casamento como pastor! Alguns anos mais tarde, ele se tornou o pastor titular da igreja Beaver Falls Evangelical Free Church, na região metropolitana de Pittsburgh, estado da Pensilvânia; hoje pastoreia a Village Church, uma igreja situada em Lincolnshire, na costa norte de Chicago, estado de Illinois. Ele tem mentoreado seminaristas, atuado como consultor das revistas *Leadership* e *Preaching Today*, e escrito artigos para ambas. Seu compromisso com a excelência no púlpito associado a um ministério amplo e bem equilibrado em todas as áreas, sua fidelidade a Deus e à esposa, Susan, e ao filho, Andy, bem como seu apoio pessoal e sua amizade afetuosa nos últimos 25 anos, tudo isso em conjunto me leva a lhe dedicar este desprezível livro. Muito obrigado, Lee! E nunca deixe de ser esse modelo maravilhoso!

---

<sup>1</sup>Quanto à documentação a esse respeito, veja meu texto “Today's New International Version: the untold story of a good translation” (apresentado no Denver Institute of Contextualized Biblical Studies Conference, Denver Seminary, 2003). O texto pode ser encontrado no site do Denver Seminary (<https://denverseminary.edu>) e em outros lugares; disponível em: <https://www.cbeinternational.org/resources/article/other/todays-new-international-version>; acesso em: jun. 2018.



---

## Reduções gráficas

|               |                                                       |
|---------------|-------------------------------------------------------|
| 'Abot         | 'Abot [Pais]                                          |
| <i>Ant.</i>   | <i>Antiguidades dos judeus</i>                        |
| <i>ASTI</i>   | <i>Annual of the Swedish Theological Institute</i>    |
| AT            | Antigo Testamento                                     |
| <i>AusBR</i>  | <i>Australian Biblical Review</i>                     |
| <i>Bib</i>    | <i>Biblica</i>                                        |
| <i>BibInt</i> | <i>Biblical Interpretation</i>                        |
| <i>BSac</i>   | <i>Bibliotheca Sacra</i>                              |
| BYU           | Brigham Young University                              |
| CBAA          | Catholic Biblical Association of America              |
| <i>CBQ</i>    | <i>Catholic Biblical Quarterly</i>                    |
| <i>CSR</i>    | <i>Christian Scholars' Review</i>                     |
| <i>CT</i>     | <i>Christianity Today</i>                             |
| <i>CTQ</i>    | <i>Concordia Theological Quarterly</i>                |
| <i>CTR</i>    | <i>Criswell Theological Review</i>                    |
| 4Ed           | 4Esdras                                               |
| <i>EvQ</i>    | <i>Evangelical Quarterly</i>                          |
| <i>ExpTim</i> | <i>Expository Times</i>                               |
| <i>HBT</i>    | <i>Horizons in Biblical Theology</i>                  |
| <i>Int</i>    | <i>Interpretation</i>                                 |
| <i>JBL</i>    | <i>Journal of Biblical Literature</i>                 |
| <i>JETS</i>   | <i>Journal of the Evangelical Theological Society</i> |
| <i>JSNT</i>   | <i>Journal for the Study of the New Testament</i>     |

|               |                                                           |
|---------------|-----------------------------------------------------------|
| <i>JSOT</i>   | <i>Journal for the Study of the Old Testament</i>         |
| <i>JTS</i>    | <i>Journal of Theological Studies</i>                     |
| <i>Jub.</i>   | <i>Jubileus</i>                                           |
| <i>LexThQ</i> | <i>Lexington Theological Quarterly</i>                    |
| <i>Neot</i>   | <i>Neotestamentica</i>                                    |
| <i>NovT</i>   | <i>Novum Testamentum</i>                                  |
| <i>NTS</i>    | <i>New Testament Studies</i>                              |
| <i>PRSt</i>   | <i>Perspectives in Religious Studies</i>                  |
| <i>RB</i>     | <i>Revue Biblique</i>                                     |
| <i>ResQ</i>   | <i>Restoration Quarterly</i>                              |
| <i>RevExp</i> | <i>Review and Expositor</i>                               |
| <i>Shabb.</i> | <i>Shabbat [Sábado]</i>                                   |
| <i>SBET</i>   | <i>Scottish Bulletin of Evangelical Theology</i>          |
| <i>SJT</i>    | <i>Scottish Journal of Theology</i>                       |
| <i>ST</i>     | <i>Studia Theologica</i>                                  |
| <i>SwJT</i>   | <i>Southwestern Journal of Theology</i>                   |
| <i>TJT</i>    | <i>Toronto Journal of Theology</i>                        |
| <i>TJ</i>     | <i>Trinity Journal</i>                                    |
| <i>TynBul</i> | <i>Tyndale Bulletin</i>                                   |
| <i>USQR</i>   | <i>Union Seminary Quarterly Review</i>                    |
| <i>WTJ</i>    | <i>Westminster Theological Journal</i>                    |
| <i>ZNW</i>    | <i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i> |



---

## Introdução

“Pregar uma parábola é o sonho do pregador novato, mas, com frequência, o pesadelo do pregador experiente.” É o que diz Thomas O. Long no início do seu capítulo sobre parábolas em um excelente livro intitulado *Preaching the literary forms of the Bible* [Pregando as formas literárias da Bíblia].<sup>1</sup> À primeira vista, as parábolas parecem familiares e simples, mas estudiosos atentos logo percebem que se encontram em um atoleiro de debates interpretativos.

### Uma breve história da interpretação

A história da interpretação das parábolas tem sido contada em detalhes inúmeras vezes,<sup>2</sup> portanto apresentarei aqui apenas um esboço. Os antecedentes judaicos do Novo Testamento foram rapidamente perdidos de vista à medida que o evangelho se espalhava por todo o Império Romano. Em meados do segundo século o cristianismo judaico já havia se tornado, de modo geral, uma força insignificante na igreja de Jesus Cristo. Formas greco-romanas de interpretação da narrativa bíblica se tornavam cada vez mais onipresentes; no que diz respeito às parábolas, isso significava que as histórias contadas por Jesus foram tratadas como alegorias requintadas, em que quase todos os detalhes de cada parábola eram explicados como se tivessem algum nível superior de significado espiritual ou simbólico. Periodicamente, algumas vozes protestavam contra essa forma de interpretação,

---

<sup>1</sup>Thomas O. Long, *Preaching the literary forms of the Bible* (Philadelphia: Fortress, 1989), p. 87.

<sup>2</sup>Apresento uma história detalhada da interpretação das parábolas em uma de minhas obras anteriores, *Interpreting the parables* (Downers Grove: InterVarsity, 1990), p. 13-167.

entre elas “gigantes” cristãos como Ireneu, Crisóstomo e Tomás de Aquino. Os reformadores, em particular João Calvino, deram os passos mais importantes para se afastar da alegorização desenfreada, mas ainda no final do século 19 a maioria dos intérpretes continuava a encontrar muitas lições e símbolos em quase todas as parábolas.

Tudo isso mudou de forma impressionante com a publicação, em alemão, da enorme obra em dois volumes de Adolf Jülicher, em 1899.<sup>3</sup> No primeiro volume, Jülicher mostrou como a maioria das abordagens alegóricas de cada parábola divergia entre si, pondo em questão o próprio método. No segundo volume, ele defendeu sua própria abordagem das parábolas, ressaltando que a forma das parábolas está mais distante da alegoria do que se pode imaginar e cada passagem tem apenas uma única ideia principal. É irônico que essa sua convicção tenha se originado em Aristóteles, também claramente dentro da tradição da filosofia grega, e não da prática *judaica* do primeiro século.

Intérpretes do século 20 seguiram em grande parte o precedente de Jülicher, ao mesmo tempo que reconheciam ser necessário admitir exceções a seus princípios. Duas das parábolas de Jesus vêm completas com interpretações detalhadas e alegorizantes (O Semeador, Mc 4.1-9,13-20 e paralelos; e As Ervas Daninhas e o Trigo, Mt 13.24-30,36-43). Algumas outras, mais notadamente as dos Agricultores Maus (Mc 12.1-12 e paralelos), parecem ininteligíveis, a menos que se pressuponha que os vários personagens e detalhes são simbólicos. Mas a imensa maioria foi tratada como se ensinasse uma única lição central. Curiosamente, apesar das origens dessa teoria no liberalismo alemão do século 19, quase todos os intérpretes em todo o espectro teológico mais acolheram a abordagem de Jülicher do que discordaram dela. Intérpretes mais conservadores simplesmente admitiram o tipo de exceção acima descrito, enquanto comentaristas mais liberais usaram essas exceções para defender que o processo de alegorização já tinha começado quando Mateus, Marcos e Lucas compilaram seus Evangelhos, mas que essas interpretações não foram o que Jesus originalmente revelou.

Havia, no entanto, problemas incômodos que, na primeira metade do século 20, levaram um pequeno grupo de acadêmicos a fazer objeção à aceitação tão entusiástica da abordagem de “uma única ideia principal”. Estudiosos das parábolas rabínicas assinalaram como as várias centenas de histórias que os primeiros

<sup>3</sup>Adolf Jülicher, *Die Gleichnisreden Jesu* (Freiburg: Mohr, 1899), 2 vols.

rabinos contaram desenvolviam dois, três ou quatro personagens ou detalhes para criar uma alegoria, ainda que não encontrassem significado simbólico nos elementos restantes da cada passagem. Outros observaram que estudiosos que optaram pela abordagem de “uma única ideia principal” continuaram a discordar sobre qual era a ideia principal de cada parábola. Com frequência três ideias principais competiam pela “honra” de servir de lição central da parábola, e com frequência essas ideias giravam em torno dos personagens ou cenas principais da história. Ainda outros destacaram que o que parecia mais implausível na história da interpretação alegorizante era a quantidade de alegorização e sua natureza anacrônica. Pregadores estavam enxergando nas parábolas todo tipo de teologia neotestamentária posterior que não se esperava que o público original de Jesus entendesse. Mas essa era uma questão diferente do que dizer que nas histórias não havia absolutamente nenhum simbolismo que eles pudessem ter sido capazes de entender.

A segunda metade do século 20 assistiu a crescentes protestos contra Jülicher. Na extremidade mais conservadora do espectro acadêmico várias abordagens alegóricas cuidadosamente limitadas foram propostas. Na extremidade mais radical uma nova abordagem da metáfora em geral foi sugerindo cada vez mais ser um equívoco até mesmo tentar resumir o significado das parábolas em proposições, quer fosse apenas uma, quer fosse mais de uma. Uma parábola, muitos defendiam, era como uma boa piada — se você tem de explicá-la, já fracassou! Em vez de resumir a mensagem da parábola a uma ou mais ideias, os pregadores eram encorajados a “atualizar” os textos — recontar as histórias mediante o uso de roupagem contemporânea, implicitamente explicando detalhes quando o significado cultural original talvez tivesse se perdido e, desse modo, esperando recriar o mesmo tipo de dinâmica ou efeito que elas tiveram em seus contextos originais.

### Um esboço da minha abordagem

A essa mistura eclética de abordagens apresentei minhas próprias propostas, começando com minha tese de doutorado sob a orientação do professor I. Howard Marshall, em Aberdeen, Escócia, concluída em 1982.<sup>4</sup> Entre muitas outras coisas, defendi que as parábolas claramente lucanas (uma parte das parábolas de Jesus

---

<sup>4</sup>Craig Blomberg, “The tradition history of the parables peculiar to Luke’s central section” (tese de doutorado, University of Aberdeen, 1982).

que havia sido recentemente posta em questão) eram de fato autênticas, portanto Jesus as havia contado da maneira que os escritores dos Evangelhos as apresentavam, e que os quadros interpretativos dentro dos quais foram situadas não haviam deturpado sua intenção original. Defendi que, seguindo o modelo de muitas das parábolas rabínicas e da grande literatura narrativa de um modo mais geral, as parábolas de Jesus tinham uma ideia central para cada personagem principal. Posteriormente ampliei meus estudos para incluir todas as partes dos três Evangelhos Sinóticos (não há parábolas propriamente ditas em João) e apresentei os resultados em meu livro *Interpreting the parables* [Interpretando as parábolas], publicado em 1990 pela InterVarsity Press, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido. Dessa forma, foi possível ver que, com frequência, o texto estruturante dos evangelistas apresentava resumidamente uma ou duas ideias principais da parábola, mesmo quando a história em si apresentava *mais* uma ou duas ideias. Não era necessário descartar qualquer trecho das Escrituras como espúrio ou relegá-lo à categoria de “exceção à regra”.

É curioso que as cerca de quarenta parábolas de Jesus exibiam apenas seis estruturas diferentes quando se examinou o número de personagens principais em cada uma e a relação entre esses personagens. Aproximadamente dois terços das parábolas narrativas de Jesus apresentaram três personagens ou grupos de personagens principais em uma estrutura triangular (ou aquilo que alguns têm chamado de “estrutura monárquica”), em que um personagem central (rei, pai, proprietário de terras, pastor, lavrador etc.) interage com um ou mais pares contrastantes de personagens subordinados (bons e maus servos, filhos, arrendatários, ovelhas, plantas etc.). Pensa-se, por exemplo, na Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32), com seu pai e dois filhos; ou na Parábola dos Talentos (Mt 25.14-30), com seu senhor, dois bons servos e um servo mau; e muitas outras histórias com estrutura parecida. Em geral havia uma surpreendente inversão entre o personagem que um público judaico do primeiro século teria esperado que fosse o herói ou o bom exemplo e aquele que efetivamente acabou desempenhando esse papel.

Em um caso, uma parábola triádica não tinha um senhor, mas ainda assim apresentava um personagem unificador capaz de julgar entre bons e maus exemplos. Foi a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). O homem dado como morto certamente não estava em posição de poder; ele exemplificava impotência extrema! Mas ainda assim podia reconhecer que o sacerdote e o levita surpreendentemente se revelaram os maus exemplos e que o samaritano de modo

chocante se tornou o herói. Em dois casos, uma parábola triádica parecia refletir uma estrutura hierárquica ou vertical, com um personagem central, seu subordinado e os subordinados daquele subordinado. Essas duas parábolas foram a do Servo Impiedoso (Mt 18.23-35) e a do Administrador Infel (Lc 16.1-13).

As outras parábolas de Jesus, cerca de um terço delas, pareciam relativa e uniformemente divididas entre parábolas de duas ideias e de uma. Na primeira categoria estavam aquelas que apresentavam um senhor e um único subordinado (e.g., o Juiz Iníquo, em Lucas 18.1-8), bem como aquelas que contrastavam um bom e um mau exemplo mas sem um personagem central explícito (e.g., o Fariseu e o Coletor de Impostos, em Lucas 18.9-14). Na segunda categoria estavam histórias que tinham apenas um personagem (e.g., o Tesouro Escondido e a Pérola de Grande Valor, em Mateus 13.44-46).

De forma bem mais breve, interagi com o denominado novo conceito de metáfora e defendi que, conquanto fosse perfeitamente legítimo e até mesmo importante destacar que o poder ou impacto da forma narrativa das histórias de Jesus era substancialmente diminuído quando se tentava resumir seu significado em uma ou mais “ideias”, não era correto afirmar que essas histórias não tinham lição alguma para ensinar ou que a “paráfrase proposicional” era em si ilegítima.

Minha pesquisa volumosa levou a artigos secundários de vários tipos,<sup>5</sup> incluindo atualizações à luz de estudos acadêmicos mais recentes.<sup>6</sup> Ainda em 1984 publiquei o artigo “Preaching the parables: preserving three main points” [Pregando as parábolas: como manter três ideias principais], que mostrou como, com base na estrutura e número dos personagens principais, era possível fazer uma transição natural da minha abordagem de interpretação das parábolas a uma teoria homilética que advogava uma, duas ou três lições por sermão.<sup>7</sup> A reação à minha

---

<sup>5</sup>Craig Blomberg, “New horizons in parable research”, *TJ* 3 (1982): 3-17; ibidem, “Midrash, chiasmus, and the outline of Luke’s central section”, in: R. T. France; David Wenham, orgs., *Gospel perspectives* (Sheffield, Reino Unido: JSOT, 1983), vol. 3: *Studies in Midrash and historiography*, p. 217-61; ibidem, “When is a parallel really a parallel? A test case — the Lucan parables”, *WTJ* 46 (1984): 78-103; ibidem, “Interpreting the parables: Where do we go from here?”, *CBQ* 53 (1991): 50-78.

<sup>6</sup>Craig Blomberg, “The parables of Jesus: current trends in needs and research”, in: Bruce Chilton; Craig A. Evans, orgs., *Studying the historical Jesus* (Leiden: Brill, 1994), p. 231-54; e ibidem, “Poetic fiction, subversive speech, and proportional analogy in the parables”, *HBT* 18 (1996): 115-32.

<sup>7</sup>Craig Blomberg, “Preaching the parables: preserving three main points”, *PRSt* 11 (1984): 31-41.

abordagem foi suficientemente positiva, em especial em círculos evangélicos,<sup>8</sup> para me encorajar a continuar trabalhando no assunto e, por fim, a desenvolver neste livro um extenso tratamento sobre a pregação das parábolas. Mas, antes de prosseguirmos, precisamos fazer um balanço do que mais tem sido feito sobre esse tema em torno dos últimos 25 anos.

### Outras obras recentes

Existem muitas antologias de sermões inspiradores sobre parábolas seletas de Jesus. Uma poucas reúnem mensagens “clássicas” dos mais famosos pregadores em língua inglesa do século 19 ou 20,<sup>9</sup> ou apresentam sermões modelares deste ou daquele renomado pregador.<sup>10</sup> Entre as obras de pregadores recentes ou contemporâneos, várias adotam, implícita ou explicitamente, a abordagem de uma única ideia principal, embora nem sempre suas pregações se limitem ao que sua metodologia sugere. Nessa perspectiva e entre autores evangélicos, as obras de David Hubbard, Earl Palmer e Stuart Briscoe (este último apenas sobre parábolas em Lucas) se revelam particularmente perspicazes.<sup>11</sup> Os sermões de James Boice, Dwight Pentecost e Robert McQuilkin são usados com frequência, mas não são tão esclarecedores, pois frequentemente retrocedem a uma forma mais ampla e às vezes anacrônica de alegorização.<sup>12</sup> Com repetidas aplicações ao ambiente de trabalho e refletindo uma perspectiva teológica claramente de centro, John Purdy demonstra ser bem elucidativo.<sup>13</sup> Dentro de uma tradição mais explicitamente liberal, mensagens desafiadoras aparecem nos livros de Ellsworth Kalas e

---

<sup>8</sup>Veja, e.g., as resenhas por David J. Graham, *EvQ* 64 (1992): 274; Daniel B. Clendenin, *JETS* 35 (1992): 254-6; David L. Turner, *CTR* 6 (1992): 141-2; e David E. Garland, *RevExp* 90 (1993): 429-30.

<sup>9</sup>E.g., Warren W. Wiersbe, org., *Classic sermons on the parables of Jesus* (Grand Rapids: Kregel, 1997); ibidem, *Classic sermons on the Prodigal Son* (Grand Rapids: Kregel, 1990).

<sup>10</sup>E.g., C. H. Spurgeon, *Sermons on our Lord's parables* (Nashville: Cokesbury, 1933); Emil Brunner, *Sowing and reaping: the parables of Jesus* (Philadelphia: Fortress, 1972).

<sup>11</sup>David A. Hubbard, *Parables Jesus told* (Downers Grove: InterVarsity, 1981); Earl F. Palmer, *Laughter in heaven* (Waco: Word, 1987); D. Stuart Briscoe, *Patterns for power* (Ventura: Regal, 1979).

<sup>12</sup>James M. Boice, *The parables of Jesus* (Chicago: Moody, 1983); J. Dwight Pentecost, *The parables of Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1982); Robert C. McQuilkin, *Our Lord's parables* (Grand Rapids: Zondervan, 1980).

<sup>13</sup>John C. Purdy, *Parables at work* (Philadelphia: Westminster, 1985).

Megan McKenna.<sup>14</sup> Existem inúmeras outras obras disponíveis com sermões de qualidade variável que obviamente não seguem quaisquer princípios coerentes de interpretação.<sup>15</sup>

Um número surpreendente de livros recentes inclui pelo menos considerações introdutórias acerca do método, antes de passar a ilustrá-las por meio de sermões sobre as parábolas, ainda assim sem jamais tratar do debate interpretativo mais central de todos: quantas ideias (se é que há) uma parábola consegue expor? Neal Fisher se concentra no contexto histórico das parábolas de Jesus, nos vínculos delas com o reino de Deus, no uso característico desse gênero por Jesus, incluindo classificações da crítica da forma; contudo, o mais próximo que ele chega de tratar da questão do número de ideias é uma rápida e genérica aprovação de Jülicher, ao mesmo tempo que admite a existência de exceções.<sup>16</sup> Robert Capon produziu três obras bem esclarecedoras em que classifica as parábolas de acordo com os períodos consecutivos do ministério de Jesus nos quais se encaixam, acreditando que elas correspondem respectivamente aos temas básicos de “reino”, “graça” e “juízo”. Embora não sejam evidentes divisões assim tão rígidas, muitas passagens parecem, sim, se encaixar nos temas que lhes são atribuídos. Mas seus sermões de parábolas individuais não revelam um número previsível de lições de qualquer texto em questão.<sup>17</sup>

W. A. Poovey apresenta fascinantes dramas e meditações sobre as parábolas, mas também sem quaisquer controles metodológicos.<sup>18</sup> John Killinger produziu atualizações maravilhosas e geralmente precisas das parábolas para um contexto contemporâneo ocidental do período natalino. Killinger refere-se a seus relatos simplesmente como “uma coleção de histórias contadas por Jesus e recontadas no linguajar natalino” com “todo empenho [...] de preservar o significado e o

---

<sup>14</sup>J. Ellsworth Kalas, *Parables from the back side* (Nashville: Abingdon, 1992); Megan McKenna, *Parables: the arrows of God* (Maryknoll: Orbis, 1994).

<sup>15</sup>E.g., Morris L. Venden, *Parables of the Kingdom* (Boise: Pacific, 1986); Brian A. Nelson, *Hustle won't bring the Kingdom of God* (St. Louis: Bethany, 1978); Douglas Beyer, *Parables for Christian living* (Valley Forge: Judson, 1985).

<sup>16</sup>Neal F. Fisher, *The parables of Jesus: glimpses of God's reign* (New York: Crossroad, 1990).

<sup>17</sup>Robert F. Capon, *The parables of the Kingdom* (Grand Rapids: Zondervan, 1985); ibidem, *The parables of God's grace* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988); ibidem, *The parables of judgment* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989).

<sup>18</sup>W. A. Poovey, *Banquets and beggars: dramas and meditations on six parables* (Minneapolis: Augsburg, 1974).

impacto das parábolas conforme Jesus as contou”, até mesmo mantendo as ideias únicas, de acordo com a defesa de Joachim Jeremias, o alemão luterano que foi o comentarista-modelo de parábolas em meados do século 20.<sup>19</sup> Mas isso é o máximo que ele explica acerca de como compôs sua obra.

John e James Carroll selecionam nove parábolas entre as dezesseis passagens que eles tratam em um livro sobre a pregação dos “ditos difíceis” de Jesus. Cada passagem é seguida de uma interpretação, de diretrizes para passar do texto para o sermão, incluindo os principais tópicos ou temas, e de sugestões de ilustrações e aplicações. No geral, o livro é exegeticamente fiel aos textos dos Evangelhos e se mostra bem elucidativo aos pregadores acerca de todos os aspectos, à exceção de decidir o número de ideias principais que aparecem em uma passagem, uma questão sobre a qual os autores permanecem em silêncio.<sup>20</sup> Em um estilo parecido, Keith Nickle escreveu uma obra sobre como pregar todo o Evangelho de Lucas, a qual inclui um minicomentário passagem por passagem e inúmeras sugestões sobre a pregação de cada texto. A maioria das sugestões está relacionada com um ou mais temas centrais, incluindo os temas das parábolas. Em geral as interpretações parecem bem fundamentadas, mas uma, duas, três ou mais ideias por passagem (tanto nas parábolas quanto em outras passagens) aparecem sem padrão discernível algum.<sup>21</sup>

Seria de esperar que análises sobre “a pregação dos Evangelhos” apresentassem conselhos sobre como lidar especificamente com parábolas, mas aqui também a decepção é frequente. D. Moody Smith, em um livro inteiro dedicado ao assunto, comenta a ligação das parábolas com o reino e as leis da transformação postuladas por Joachim Jeremias (uma crítica dessas leis é encontrada em meu livro anterior),<sup>22</sup> e apresenta uma ilustração por meio de um sermão que pregou na capela do seminário Duke Divinity School sobre a Parábola do Semeador e seus desdobramentos (Mt 13.1-23). Mas ele não oferece ao leitor explicação alguma de quantas ideias decidiu destacar e do motivo dessa opção.<sup>23</sup> Em uma obra de en-

<sup>19</sup>John Killinger, *Parables for Christmas* (Nashville: Abingdon, 1985).

<sup>20</sup>John T. Carroll; James R. Carroll, *Preaching the hard sayings of Jesus* (Peabody: Hendrickson, 1996).

<sup>21</sup>Keith F. Nickle, *Preaching the Gospel of Luke: proclaiming God's royal rule* (Louisville: Westminster John Knox, 2000).

<sup>22</sup>Blomberg, *Interpreting the parables*, p. 78-94.

<sup>23</sup>D. Moody Smith, *Interpreting the Gospels for preaching* (Philadelphia: Fortress, 1980).



vergadura comparável, G. R. Beasley-Murray trata do propósito, da teologia e da forma das parábolas e, em seguida, as organiza de acordo com os temas principais, aparentemente pressupondo que não havia mais de um tema por passagem, mas, de novo, sem jamais introduzir explicitamente o debate que rodeia essa questão.<sup>24</sup> Uma obra evangélica sobre a pregação da Bíblia de acordo com seus gêneros literários — obra escrita por Sidney Greidanus e que nos demais aspectos é extraordinariamente elucidativa — dedica um capítulo inteiro aos Evangelhos, concentrando-se em suas numerosas figuras de linguagem e em outros recursos literários, mas ainda assim sem incluir qualquer seção específica sobre as parábolas ou sem oferecer diretrizes claras para pregá-las!<sup>25</sup>

A melhor compilação recente de sermões sobre as parábolas, embora mais uma vez sem nenhuma reflexão metodológica detalhada, é sem dúvida *A sting in the tale* [Um ferrão no conto], de Roy Clements.<sup>26</sup> Embora o formato do livro não contemple notas de rodapé ou bibliografia, na verdade Clements se baseou substancialmente (embora não servilmente) em minha obra;<sup>27</sup> e assim, com frequência, é possível discernir lições específicas com base nos principais personagens ou nas principais cenas das parábolas. Por muitos anos, Clements foi um dos mais primorosos pregadores do mundo, qualquer que fosse o trecho das Escrituras que estivesse expondo, de maneira que só por isso seus sermões já merecem ser estudados.

Outra categoria de livros recentes sobre a pregação das parábolas trata diretamente, e com certa profundidade, da questão concernente a se uma parábola enfatiza uma ideia, mais de uma ideia ou nenhuma ideia. Compreensivelmente, a maioria dessas obras continua retornando à “sabedoria recebida” da primeira metade do século 20 e procura não mais do que uma lição central por passagem. David Granskou oferece sete princípios adicionais e úteis: trate cada parábola como uma passagem indivisa; procure, perto do fim, encontrar guinadas decisivas no enredo; cuidado com os métodos que apenas obscurecem o significado;

<sup>24</sup>George R. Beasley-Murray, *Preaching the gospel from the Gospels* (Philadelphia: Judson, 1956), em um capítulo com o título promissor de “The gospel in the parables of Jesus”, p. 102-25.

<sup>25</sup>Sidney Greidanus, *The modern preacher and the ancient text* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988).

<sup>26</sup>Roy Clements, *A sting in the tale* (Leicester: InterVarsity, 1995). O título é um trocadilho com a expressão “a sting in the tail” [um ferrão na cauda (referência ao escorpião)], algo que de início parece bom, mas contém uma parte desagradável no final. (N. do E.)

<sup>27</sup>Em contato pessoal, Clements reconheceu que se baseou em meu livro.

apoie-se em comentaristas que estudam os antecedentes históricos; mantenha separados o significado original e a aplicação contemporânea; estude a forma para descobrir sua beleza literária e não apenas seu significado histórico e existencial; e observe o elemento profético que acompanha “a perspicácia e a sabedoria” do texto.<sup>28</sup>

Lloyd Ogilvie defende que cada parábola ensina uma lição central que nos revela algo sobre a natureza de Deus, ao que devemos reagir de maneiras específicas.<sup>29</sup> Richard Eslinger acredita que a única ideia da parábola precisa corresponder ao único ponto do sermão, para que a própria parábola seja um sermão resumido. Ele instiga pregadores a não “desfazer” o mundo da metáfora e a “deixar a metáfora viver e dar vazão à sua força”.<sup>30</sup> Eduard Schweizer concorda com isso, insistindo ainda mais energicamente que “não temos a liberdade de escolher entre falar de forma direta e usar linguagem da parábola. Há um tipo de verdade que só podemos expressar com imagens”. Schweizer acredita que grandes pregadores têm a capacidade de criar parábolas totalmente novas com imagens contemporâneas; nos demais casos, a maioria de nós terá de atualizar e explicar as histórias contadas pelo próprio Jesus.<sup>31</sup> Robert Hughes, dentro de especificações mais amplas para a pregação das parábolas, dá algumas diretrizes pormenorizadas de como fazer exatamente isso.<sup>32</sup>

Outros estudiosos recentes abandonam por completo a busca de uma proposição central e se concentram apenas na função da metáfora e no processo de atualização. Contudo, por mais vanguardistas que sejam, nenhum desses autores chega a de fato evitar a proclamação de verdade proposicional em seus sermões, comprovando nossa ideia anterior de que não é o caso de *ou* ensinar lições *ou* fazer atualização das histórias, mas o caso de precisar fazer *ambos*. Dessa maneira, Peter Jones afirma categoricamente: “Fazemos bem em pregar as parábolas para manter a história, em vez de descartá-la. Podemos evitar a ‘heresia proposicional’

<sup>28</sup>David M. Granskou, *Preaching on the parables* (Philadelphia: Fortress, 1972), p. 56-7.

<sup>29</sup>Lloyd J. Ogilvie, *Autobiography of God* (Ventura: Regal, 1979).

<sup>30</sup>Richard L. Eslinger, “Preaching the parables and the main idea”, *Perkins Journal* 37 (1) (1983): 24-32, citação da p. 32.

<sup>31</sup>Eduard Schweizer, “Preaching on the parables”, in: James W. Cox, org., *Biblical preaching: an expositor's treasure* (Philadelphia: Westminster, 1983), p. 249, 252.

<sup>32</sup>Robert G. Hughes, “Preaching the parables”, in: John Reumann, org., *The promise and practice of biblical theology* (Minneapolis: Fortress, 1991), p. 157-70.

de resumir sucintamente o sentido figurado e logo em seguida nos afastar da história”.<sup>33</sup> Mas há uma terceira opção óbvia: manter a história e a síntese de seu significado, o que Jones verdadeiramente acaba fazendo com suas ilustrações do Bom Samaritano e do Administrador Infel. A primeira parábola nos mostra três tipos de pessoas: aquelas que machucam os outros, aquelas que são machucadas pelos outros e aquelas que curam a dor dos outros. A segunda parábola apresenta sucessivas cenas que envolvem uma situação desesperadora, uma convocação inevitável e uma oportunidade perigosa.<sup>34</sup> É pequena a distância entre essas duas listas de três elementos e as frases completas que mostram o que aprendemos com um personagem após o outro ou com uma cena após a outra — uma abordagem que se equipara bem de perto com a minha própria e que não reflete nenhuma forma de heresia, teológica, metodológica ou de qualquer outro tipo!

Vários artigos têm aplicado o discernimento interpretativo e existencial de críticos literários recentes. Mark Thomsen lança mão das obras de Dan Via e Dominic Crossan para produzir “uma teologia para a pregação na forma de parábola”, teologia essa que explora as possibilidades multidimensionais de recriar em forma narrativa o poder das histórias contadas por Jesus, expressando visões inteiramente novas da realidade divina por meio das quais Deus fala.<sup>35</sup> A grande obra de Bernard B. Scott sobre “ouvir” as parábolas<sup>36</sup> deu origem a dois livros inteiros que têm aplicado essa abordagem na pregação.<sup>37</sup> O próprio Scott refletiu sobre essa tarefa antes mesmo de ter escrito seu livro maior, instando os pregadores a resistirem à prática de destacar “uma ideia” e a, em vez disso, procurarem “destruir” velhos mundos e “criar” novos para seus ouvintes. No entanto, quando ilustrou isso com a Parábola da Semente que cresce de maneira desconhecida (Mc 4.26-29), admitiu que se sentia “caindo em idolatria” ao começar a dizer o que pensava que a parábola queria dizer!<sup>38</sup> Aliás, ele faz afirmações proposicionais sobre o significado de todas as parábolas em seu comentário maior; elas apenas tendem a ser proposições bem incomuns ou nada ortodoxas. De modo parecido, Eric Osborn

<sup>33</sup>Peter R. Jones, “Preaching on the parable genre”, *RevExp* 94 (1977): 231.

<sup>34</sup>Ibidem, p. 236, 238-40.

<sup>35</sup>Mark Thomsen, “A parabolic theology for preaching”, *Dialog* 19 (3) (1980): 199-209.

<sup>36</sup>Bernard B. Scott, *Hear then the parable* (Minneapolis: Fortress, 1989).

<sup>37</sup>Mark Trotter, *What are you waiting for? Sermons on the parables of Jesus* (Nashville: Abingdon, 1992); Thomas Keating, *The Kingdom of God is like...* (New York: Crossroad, 1993).

<sup>38</sup>Bernard B. Scott, “On having ears: from text to sermon”, *LexThQ* 16 (1981): 103.

e Timothy Sensing têm igual e impropriamente rejeitado “destacar uma ideia”, mas, ainda assim, oferecem orientações bastante úteis sobre fazer atualizações ou “imitar o gênero de parábola no púlpito de hoje”.<sup>39</sup>

Apesar de todos esses estudos, há apenas dois livros impressos — no momento em que estou escrevendo — acerca da pregação das parábolas, os quais oferecem reflexões metodológicas introdutórias, vários sermões de exemplo e um longo comentário sobre como esses sermões foram criados e como se planejou que funcionassem. O primeiro, de autoria de Eugene L. Lowry, embora intitulado *How to preach a parable* [Como pregar uma parábola], é na verdade mais bem descrito por seu subtítulo: *designs for narrative sermons* [formas de sermões narrativos]. Na verdade, apenas um dos quatro sermões analisados como exemplo usa uma parábola de Jesus como seu texto; os demais tratam de outras formas de narrativa bíblica. A verdadeira vantagem da obra de Lowry é que ilustra e analisa quatro maneiras de relacionar um texto das Escrituras com um sermão narrativo sobre a passagem: “contar a história” (seguindo o fluxo narrativo real do texto propriamente dito), “adiar a história” (quando o texto surge pela primeira vez lá adiante no sermão), “suspender a história” (começando com parte do texto, afastando-se por algum tempo e depois retornando ao restante do texto) e “alternar a história” (dividir o texto em grandes seções intercaladas durante a pregação). Lowry destaca que, em todos os quatro modelos, o objetivo do pregador é criar um “desequilíbrio introdutório”, seguir por uma “escalada do conflito” e chegar a uma “reviravolta surpreendente” e a um “desfecho (em que, de uma maneira nova, a mesa da vida é posta à nossa frente pelo evangelho)”.<sup>40</sup> Ele observa, além disso, que a forma narrativa de um sermão “é *menos autoritária* no sentido de o pregador ser o especialista e tem *mais autoridade* no sentido da predominância do texto na experiência”.<sup>41</sup> Desse modo, “questões que são difíceis de ouvir podem, com frequência, ser mais palatáveis quando o pregador está ‘lidando’ com o texto, e não ‘lidando’ com a igreja”.<sup>42</sup> Recontar uma história pode alcançar isso de modo poderoso porque o pregador e a igreja constituem conjuntamente o público a ouvir a história.

<sup>39</sup>Eric Osborn, “Parable and exposition”, *Aus ABR* 22 (1974): 11-22; Timothy R. Sensing, “Imitating the genre of parable in today’s pulpit”, *ResQ* 33 (1991): 193-207.

<sup>40</sup>Eugene L. Lowry, *How to preach a parable: designs for narrative sermons* (Nashville: Abingdon, 1989), p. 25.

<sup>41</sup>*Ibidem*, p. 104.

<sup>42</sup>*Ibidem*, p. 135.

A segunda obra, bem mais longa, é de David G. Buttrick. *Speaking parables: a homiletic guide* [Falando por parábolas: um guia homilético] apresenta exatamente o que promete: tratamentos detalhados de todas as principais parábolas de Jesus com sermões sobre pouco mais da metade delas, ilustrando diversas estruturas e temas. Buttrick observa que “em geral parábolas começam de forma bem trivial, descrevendo nosso mundo cotidiano de forma cotidiana, mas, em seguida, na maioria dos casos, há algo surreal que desestrutura nosso mundo e indiretamente sugere um mundo mais amplo e mais misterioso — bem como um Deus mais extraordinário”. “Falar por parábolas” é, portanto, “uma arte laboriosa e emocionante”.<sup>43</sup> A teologia de Buttrick reflete uma perspectiva uniformemente “de tendência esquerdista” em questões de doutrina, política e ética social. Dentro de sua tradição liberal, ele comenta com franqueza que a pregação anterior de parábolas geralmente se encaixava em um de três campos, os quais, em sua opinião, se revelaram inadequados: comentário “versículo por versículo”, pregação “temática-textual” e sermões sobre “situações da vida”. Ele prefere que os pregadores escolham uma de três abordagens diferentes, as quais ele descreve como: (1) ler e reagir à história seção após seção, (2) permanecer na história original, mas interpretando-a com metáforas contemporâneas, e (3) contar a história toda com um linguajar e imagens contemporâneos.<sup>44</sup> Aliás, nosso livro ilustra todos esses métodos e outros, mas a partir de uma estrutura teológica evangélica.

A estudiosa católica romana Barbara Reid oferece talvez a justificativa mais direta e imediata da abordagem que adotaremos no corpo deste livro. Ela confirma minha convicção de que as parábolas refletem uma espécie de escala ou espectro de textos mais ou menos alegóricos e que é possível discernir regularmente uma ideia principal quando se lê a parábola através dos olhos de cada um de seus personagens principais, um de cada vez. Ela concorda (assim como eu) com a nova visão a respeito da metáfora no sentido de que, idealmente, não se deveria interpretar uma parábola, da mesma maneira que ninguém deveria ter de explicar uma piada. A pessoa simplesmente “capta o sentido” porque entende o desfecho. Mas Reid também reconhece que, em um mundo caído, em que estamos distantes no tempo e no espaço do ambiente original de Jesus, talvez nem

---

<sup>43</sup>David G. Buttrick, *Speaking parables: a homiletic guide* (Louisville: Westminster John Knox, 2000), p. xiii.

<sup>44</sup>Ibidem, p. 39-57.

sempre “captemos o sentido”, de modo que precisamos estar preparados *tanto* para explicar as parábolas *quanto* para fazer suas atualizações. Ela acredita que todos os bons sermões apresentam uma proposição central, uma ênfase que, graças aos escritos de Haddon W. Robinson, todo o mundo evangélico conhece muito bem como a pregação de uma “grande ideia”.<sup>45</sup> Reid acredita que a melhor maneira de harmonizar essa abordagem com as várias ideias encontradas em muitas parábolas é “discernir qual das muitas ideias possíveis é a principal que a igreja precisa ouvir nesse local e nesse momento”.<sup>46</sup>

Poderíamos também sugerir outras harmonizações, mais notadamente mediante a procura de uma “grande ideia” que incorpore elementos de todas as ideias da passagem. A maioria dos sermões incluídos neste livro contém esses temas unificadores, mas eles são (intencionalmente) mais claros em alguns sermões do que em outros. O perigo de limitar um sermão a apenas uma das duas ou três ideias principais de uma passagem é, evidentemente, deixar de pregar “todo o conselho de Deus” (At 20.27, KJV). Talvez simplesmente por causa de minha falta de criatividade ou imaginação nem sempre consigo elaborar uma maneira de resumir concisamente em uma proposição simples as três principais lições de uma passagem tripartite. Como alguém sintetiza a ênfase da Parábola do Filho Pródigo na possibilidade de arrependimento, não importando o quão profundamente a pessoa tenha caído, na necessidade de não invejar a generosidade de Deus ao perdoar o mais rebelde dos pecadores e no amor paciente do pai com os dois filhos, amor que essa parábola retrata de forma tão pungente (veja meu comentário no cap. 1)?

Um de meus colegas, porém, certa vez me sugeriu uma grande ideia notavelmente concisa que incorpora as três lições da Parábola dos Dois Filhos, em Mateus 21.28-32, a qual é estruturada de forma parecida. Nessa parábola — em que um filho se recusa a trabalhar na vinha do pai, mas depois muda de ideia e vai para a vinha; em que um filho diz que vai trabalhar, mas efetivamente não vai; e em que os ouvintes de Jesus afirmam que o primeiro filho, e não o segundo, fez a sua vontade — é possível resumir muito bem as três faces da passagem com a afirmação

---

<sup>45</sup>Veja esp. Haddon W. Robinson, *Biblical preaching* (Grand Rapids: Baker, 1980) [edição em português: *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*, 2. ed., tradução de Hope Gordon Silva (São Paulo: Shedd, 2018)].

<sup>46</sup>Barbara Reid, *Parables for preachers* (Collegeville: Liturgical, 1999), p. 18.

“A execução tem precedência sobre a promessa”.<sup>47</sup> “Execução” aponta para aquilo que o primeiro filho fez, “promessa” reflete o alcance do comportamento do segundo filho e “tem precedência sobre” resume o veredito dos ouvintes ao compararem os dois. Incorporadas nessa “grande ideia” concisa há realmente três ideias que merecem ser todas elas desenvolvidas; assim, os pregadores não deveriam abandonar a busca de maneiras de sintetizar em fórmulas sucintas as várias lições das parábolas. Mas, caso nada venha à mente depois de um período razoável, é melhor pregar a mensagem inteira do texto do que suprimir entre metade e dois terços dela.

Em resumo, tendo em vista que nas últimas décadas não foi escrita obra evangélica alguma com esse tipo de introdução — uma coleção de sermões ilustrativos sobre cada um dos tipos de parábolas de Jesus juntamente com um comentário pormenorizado sobre esses sermões —, ainda resta muito espaço para que este livro ocupe seu lugar em um mundo saturado de muitos livros. O restante desta introdução descreverá, portanto, as pressuposições, o formato e o conteúdo do corpo desta obra, e como espero que ela se mostre elucidativa para pregadores e professores das parábolas. Também tentarei situar minha abordagem dentro do mundo mais amplo da teoria homilética.

### Pressuposições orientadoras

Há certas conclusões acerca da interpretação das parábolas que têm sido defendidas de forma tão exaustiva e convincente que simplesmente as adotarei como pressuposições para a minha própria hermenêutica. Sete em especial merecem ser relacionadas aqui.

Em primeiro lugar, os textos narrativos contados por Jesus com as seis estruturas identificadas na análise que já fizemos são todos formalmente parecidos a ponto de merecer o rótulo de “parábola”, quer essa palavra apareça explicitamente no contexto da passagem, quer não. Os termos equivalentes no grego e no hebraico (respectivamente, *parabolē* e *māshāl*) na verdade se referiam a uma gama ainda mais ampla de pronunciamentos metafóricos ou analógicos,<sup>48</sup> mas nós nos limitaremos àqueles textos que constituem narrativas propriamente ditas.

<sup>47</sup>Devo essa grande ideia à professora Elodie Emig.

<sup>48</sup>Veja esp. John W. Sider, “The meaning of *parabolē* in the usage of the Synoptic Evangelists”, *Bib* 62 (1981): 453-70; cf. Joachim Jeremias, *The parables of Jesus*, 3. ed. (Philadelphia: Westminster, 1972), p. 20 [edição em português: *As parábolas de Jesus*, 5. ed., tradução de João Rezende Costa, Nova Coleção Bíblica (São Paulo: Paulus, 1986)].

Em segundo lugar, todas as parábolas de alguma forma mostram como Jesus compreendia o “reino de Deus”, não importando se esta expressão aparece ou não explicitamente no contexto de determinada passagem. Para Jesus, o “reino” se referia mais a um poder do que a um lugar, mais a um governo ou reinado do que a um território. Em resumo, a palavra se referia ao “reinado” de Deus, que assume dimensões novas e maiores na terra, é instalado com a primeira vinda de Cristo, mas será consumado apenas por ocasião de sua segunda vinda.<sup>49</sup> Em meu livro anterior sobre parábolas, dediquei metade de um capítulo à teologia do reino que pode ser deduzida a partir das parábolas de Jesus.<sup>50</sup>

Em terceiro lugar, as parábolas são autênticas na forma e no contexto em que aparecem em nossos Evangelhos canônicos. Não é preciso contrapor o significado original dado por Jesus ao uso das parábolas pelos evangelistas em algum novo contexto. Não é preciso dissecar as parábolas em trechos mais ou menos autênticos — o que Jesus provavelmente disse ou não disse. Não é preciso remover as parábolas da estrutura em que foram enquadradas nos Evangelhos a fim de entender seu verdadeiro significado. Aliás, esse é um dos principais corolários de nossa abordagem, que obtém uma ideia principal de cada personagem principal. Foi apenas quando comentaristas acharam que não conseguiam encontrar mais de uma ideia por passagem que pareceu que as palavras iniciais ou finais de Jesus (ou dos Evangelistas) muitas vezes ignoravam essa ideia. Em quase todos os casos, em busca daquela “única ideia”, os comentaristas na verdade debateram entre duas ou três possibilidades, das quais pelo menos uma dizia respeito às introduções ou às conclusões da história. Uma vez que admitamos múltiplas ideias por parábola, podemos ver que esse material frequentemente sintetiza *uma* das ideias da passagem, mas não todas.<sup>51</sup>

Em quarto lugar, nas parábolas de Jesus, os personagens principais (e, com frequência, apenas os personagens principais) chegam “a simbolizar algo”. Eles têm referentes simbólicos na esfera espiritual. Isso faz parte daquilo que o termo “alegoria” costumeiramente significava. Se parecer muito desorientador chamar as

---

<sup>49</sup>Entre os muitos bons livros, veja esp. George R. Beasley-Murray, *Jesus and the Kingdom of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986); cf. Bruce Chilton, *Pure Kingdom: Jesus' vision of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996).

<sup>50</sup>Blomberg, *Interpreting the parables*, p. 296-313.

<sup>51</sup>Para uma análise e defesa, parábola por parábola, do que foi apresentado neste parágrafo, veja *ibidem*, p. 171-288.



parábolas de alegóricas, e para nos resguardarmos da alegorização excessivamente minuciosa e anacrônica de outras épocas, podemos, em vez disso, rotulá-las de “simbólicas”. De qualquer forma, não é errado ver, por exemplo, no pai dos dois filhos uma imagem de Deus, enxergar o filho pródigo como símbolo de todos os pecadores rebeldes que precisam de arrependimento (até mesmo, mais notoriamente, os coletores de impostos e prostitutas do mundo de Jesus) e considerar que o irmão mais velho representa aqueles que pensam que são seguidores de Deus, mas ainda assim reagem com inveja (como muitos fariseus do mundo de Jesus) quando ele derrama graça sem medida sobre os que mais obviamente não a merecem. Não se deve atribuir significado simbólico a outros elementos de uma passagem, a menos que claros indicadores textuais apontem nessa direção e a menos que o significado atribuído a esses elementos reforce as lições centrais identificáveis mediante o comportamento dos personagens centrais, em vez de desviar a atenção dessas lições.<sup>52</sup>

Em quinto lugar, Jesus pretendeu que suas parábolas tanto ocultassem quanto revelassem. Mais adiante elucidarei Marcos 4.11,12 e passagens paralelas no contexto de meu sermão sobre a Parábola do Semeador, e acrescentarei ainda outras explicações em meu comentário sobre esse sermão. Por enquanto, basta dizer que hoje é amplamente aceito que a essa altura do ministério de Jesus já houvera oportunidade suficiente para ele ver quem estava cada vez mais caminhando na direção do discipulado e quem estava rejeitando cada vez mais sua mensagem, e até mesmo se opondo a ela. Assim como Deus chamou Isaías para pronunciar juízo sobre os israelitas em resposta à sua prolongada desobediência (Mc 4.12 e paralelos citam Is 6.9,10), o fato de Jesus falar por meio de parábolas se mostrou enigmático aos de fora do reino como resposta divina de juízo à rebelião que livremente escolheram. E o caso não é que eles deixaram de entender *cognitivamente* as afirmações de Jesus, pois até mesmo os líderes judaicos que conspiraram para matá-lo conseguiram, no nível cognitivo, explicar suficientemente bem o que ele quis dizer (Mc 12.12 e paralelos). Pelo contrário, o “entendimento” que falta aos de fora é o relativo ao significado bíblico pleno de “entendimento”, o qual sistematicamente se refere às pessoas estarem dispostas a *agir* com base em seu conhecimento. Aqueles que não são seguidores de Jesus não entendem *volitivamente*; não estão dispostos a se tornar

---

<sup>52</sup>Ibidem, p. 13-167.

discípulos. Em uma perspectiva eterna, esse é o único tipo de entendimento que, no final das contas, importa.<sup>53</sup>

Em sexto lugar, o processo de atualizar as parábolas continua essencial. Uma parte do sermão sobre uma parábola deve permanecer em forma narrativa, mesmo que seja apenas mediante a leitura daquele texto das Escrituras. Contudo, na maioria dos casos, será ao mesmo tempo fácil e esclarecedor incluir algum equivalente contemporâneo da história bíblica na introdução, em uma ou mais ilustrações intercaladas no corpo da mensagem ou na conclusão. Essas atualizações devem funcionar para recriar a dinâmica, o efeito ou o impacto originais da história original contada por Jesus. Não é verdade que narrativas não possam (ou não devam) ser parafraseadas de modo proposicional; contudo, é verdade que a boa pregação não deve fazer *apenas* isso.

Em sétimo e último lugar, especialmente em séries de sermões que tratam de longas porções de um Evangelho específico, mensagens sobre parábolas que têm paralelos em outros Evangelhos devem destacar algo daquilo que é peculiar à versão específica da parábola em questão. Por exemplo, sermões sobre os Agricultores Maus (uma parábola encontrada em Mateus, Marcos e Lucas) não devem soar idênticos independentemente do Evangelho do qual o texto é escolhido. Pelo fato de todos os sermões deste livro terem se originado como mensagens pontuais sobre uma parábola específica ou como parte de uma série mais longa *somente sobre parábolas*, não há muitas oportunidades de ilustrar esse princípio. Mas a orientação para pregar sobre os aspectos teológicos peculiares do autor de determinado Evangelho pode ser encontrada em outros textos.<sup>54</sup>

## Um esboço deste livro

Quinze parábolas são tratadas nos capítulos seguintes. Primeiramente aparece, em sua forma revisada mais recente, meu sermão sobre cada passagem. Em seguida,

---

<sup>53</sup>T. F. Torrance (“A study in New Testament communication”, *SJT* 3 [1950]: 304-5) assim explica: “O reino de Deus irrompe e lança o homem em uma crise da decisão, e, ainda assim, por sua forma velada, a Palavra do reino mantém o homem a distância a fim de dar-lhe espaço e tempo para uma decisão pessoal”. Ademais, “Jesus deliberadamente ocultava a Palavra por meio de parábola para não acontecer de os homens irem contra a própria vontade e serem forçados a reconhecer o reino, mas, ao mesmo tempo, concedeu-lhes luz suficiente para revelar-lhes seus pecados e persuadi-los”.

<sup>54</sup>Comecei a tratar disso em meu artigo “Interpreting the Synoptic Gospels for preaching”, *Faith and Mission* 12 (1994): 22-43.

analiso por que fiz o que fiz em um rápido comentário sobre cada sermão. Os leitores devem conseguir tirar proveito das mensagens e de minhas explicações independentemente do ponto em que por acaso abrirem o livro, mas há alguma lógica na sequência que estabeleci.

Minhas próprias reflexões sobre a interpretação de parábolas com uma ideia principal proveniente de cada personagem principal começou com o Filho Pródigo. O estudioso católico romano Pierre Grelot havia escrito um artigo no qual leu a história e a comentou três vezes consecutivas, cada vez na perspectiva de um personagem diferente. Então tentou criar uma única “ideia principal” a partir de suas leituras, mas, na verdade, criou três ideias, uma para cada perspectiva de cada um dos personagens principais.<sup>55</sup> Fiquei imediatamente impressionado com o potencial de sua análise (ou mesmo com sua aritmética!) para ser aplicada em outras passagens, tendo em vista o número de parábolas de Jesus estruturadas aproximadamente no estilo da Parábola do Filho Pródigo. Testando minha hipótese, descobri que vez após vez os debates entre os estudiosos sobre a ideia única de passagens estruturadas triangularmente não passava de uma discussão sobre qual personagem principal devia receber mais atenção. Quando se admitiam duas ou três ideias, os debates cessavam. Mas, ainda assim, o intérprete não era novamente lançado na velha era de alegorização ampla e injustificada.

Assim, inicio meu sermão sobre a Parábola do Filho Pródigo e ilustro um método de explicar o texto de acordo com as três ideias que acredito que ele destaca. Introduzo a mensagem com uma atualização expandida de três partes. De modo parecido, a segunda parábola, O Rico e Lázaro, destaca três ideias de acordo com seus três personagens principais; mas dessa vez intercalo minha explicação entre uma introdução mais curta e uma conclusão mais longa, que inclui reflexão teológica e aplicação adicionais. A terceira parábola, O Bom Samaritano, ilustra uma estrutura tripartite diferente, em que o gráfico da relação entre os personagens é uma linha reta horizontal. Aqui não há senhor algum, apenas um personagem unificador. No entanto, novamente desenvolvo minha explicação recorrendo aos títulos das lições que se pode aprender a partir dos três personagens principais, tratando o sacerdote e o levita juntos, como se fossem essencialmente um personagem (uma vez que seus papéis na história são idênticos).

---

<sup>55</sup>“Le père et ses deux fils: Luc XV, 11-32”, *RB* 84 (1977): 321-48, 538-65.

A quarta e a quinta parábolas apresentadas mostram as duas parábolas de Jesus que têm três ideias e dão origem a um gráfico com uma linha vertical: um senhor, seu subordinado e os subordinados do primeiro subordinado. Essas são as parábolas do Servo Impiedoso e do Administrador Infel. Com esse modelo, esgotamos todas as estruturas empregadas por Jesus em suas narrativas tripartites. A Parábola do Servo Impiedoso também me dá a oportunidade de desenvolver uma explicação cena a cena, ao passo que a do Administrador Infel apresenta suas três ideias nos três comentários finais que Jesus acrescenta à narrativa propriamente dita. Dessa forma, as estruturas dos sermões variam de acordo com essas diferentes subestruturas do texto.

O sexto sermão é meu único sermão narrativo completo. Ele explica a Parábola das Crianças na Praça, que aparece por último no capítulo sobre parábolas de três ideias “simples” em meu livro sobre a interpretação de parábolas, porque é o único exemplo que não se encaixa tão bem no modelo. Analiso duas possíveis maneiras de representar essa parábola graficamente de forma triangular, maneiras que, vistas conjuntamente, produzem um par de conjuntos complementares mas não idênticos de três ideias. Contudo, o sermão se concentra de modo mais consciente em uma grande ideia que une essas ideias, a qual acredito que funciona igualmente bem com ambos os gráficos e com ambos os conjuntos de três subideias.

Em seguida, passo para os modelos triádicos mais “complexos”, em que um vértice do triângulo representa não apenas mais de um personagem, mas também personagens cujos papéis variam, de alguma forma, de um para o outro. Assim, a Parábola do Semeador contém três exemplos inadequados de reação à palavra e um bom exemplo. Os três primeiros tipos de solo, por um lado, partilham da característica de não produzir o fruto que se deseja com as sementes plantadas neles, mas, por outro lado, cada um ensina lições ligeiramente diferentes. Se há três ideias em toda a passagem, uma das ideias tem três subdivisões ou elementos constitutivos.<sup>56</sup> Também prego um sermão indutivo sobre essa parábola, reorgani-

---

<sup>56</sup>Cf. Simon Kistemaker, *The parables of Jesus*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 40: “A palavra de Deus é proclamada e provoca uma divisão entre aqueles que ouvem; o povo de Deus recebe essa palavra, a entende e obediamente a cumpre. Outros deixam de ouvir por causa de um coração endurecido, uma superficialidade básica ou um interesse pessoal em riquezas e bens”. Contudo, esse resumo proposto não dá forma a “uma única verdade em particular” [edição em português: *As parábolas de Jesus*, tradução de Eunice Pereira de Souza (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992)].

zando as principais partes da passagem para corresponderem à sequência apoteótica que desejo criar seção por seção ao longo da mensagem.

Uma vez que meu sermão sobre O Semeador foi o primeiro de uma série de três sermões sobre as parábolas de Mateus 13, na sequência apresento os outros dois sermões sobre o restante do capítulo. Esses dois abrangem várias parábolas em uma única mensagem. Além disso, não preciso ficar me debatendo com a maneira de desenvolver uma mensagem inteira a partir de parábolas curtas de uma única ideia (a da Semente de Mostarda e a do Fermento; a do Tesouro Escondido e a da Pérola de Grande Valor; a do Chefe de Família). A desvantagem, no entanto, é que não tenho tempo para desenvolver as três lições a partir das parábolas com três ideias (a das Ervas Daninhas e do Trigo e a da Rede de Arrasto). Em vez disso, concentro-me em uma das ideias de cada parábola, a ideia que — creio eu — liga a parábola ao material que existe no entorno textual e foi agrupado para cada sermão.

Em seguida, vêm três mensagens sobre parábolas de dois personagens. As duas primeiras representam o modelo de linha horizontal, pois fazem contraste entre exemplos bons e maus. O relato simples e direto, baseado no senso comum, sobre os dois construtores me permite abordar a parábola de forma relativamente rápida e, em seguida, analisar em certa profundidade o contexto mais amplo do Sermão do Monte, em que aparece a forma mateana desse texto. A Parábola do Fariseu e do Coletor de Impostos é igualmente curta e parece tão simples e direta até percebermos que ouvintes judeus do primeiro século não teriam pressuposto aquilo que “sabemos”: o fariseu é o “cara mau” e o coletor de impostos é o “cara bom”. Isso me leva a desenvolver detalhadamente uma analogia contemporânea e bem diferente da vida real com minha história do “homossexual em recuperação”.

Em meu livro anterior, destaco como seria possível considerar que várias parábolas de duas ideias continham implicitamente um terceiro personagem (e também como seria possível considerar que certas parábolas de uma ideia continham implicitamente um segundo personagem). Quando passo para uma parábola de duas ideias com gráfico com linha vertical, a Parábola do Juiz Iníquo, desenvolvo a possível terceira ideia associada ao terceiro e implícito personagem, o que me permite apresentar uma pregação clássica de três pontos. A única categoria restante de parábola, categoria que não recebeu de mim um sermão inteiro dedicado apenas a essa estrutura específica de texto, é a parábola de estritamente uma ideia. Uma vez que todos os exemplos dessa forma nos Evangelhos vêm aos

pares, é natural fazer sermões com duas parábolas de cada vez. Como as parábolas do Construtor da Torre e do Rei em Guerra estão firmemente aninhadas em um parágrafo maior com os “ditos difíceis de Jesus”, é apropriado considerar essa unidade inteira meu texto. A forma da mensagem também é um tanto peculiar. Conquanto cada componente da passagem destaque uma ideia, no conjunto a passagem apresenta uma introdução, três pares de ditos e uma conclusão. Os seis ditos que constituem os três pares não apenas representam alguns dos ditos mais difíceis de Jesus, mas também alternam entre metáforas cujo rigor é fácil subestimar e outras cujas exigências são fáceis de exagerar. Essa oscilação forma o esqueleto a partir do qual se dá substância à mensagem.

Por fim, incluí dois sermões que não se encaixam no padrão decrescente de parábolas de três, de duas e de uma ideia. A mensagem sobre Mateus 24.43—25.30 mostra como se pode pregar sobre um trecho razoavelmente longo, que neste caso contém quatro parábolas de diferentes estruturas, enquanto se procura por comparações e contrastes entre as grandes ideias de cada parábola e se discerne aquilo que parece ser o fluxo narrativo pretendido pelo texto. Aqui também, por causa da quantidade de material coberto pelo sermão, lições unificadoras emergem detalhadamente apenas das parábolas de duas e três ideias que, juntas, formam nosso texto. A mensagem final é a única incluída neste livro que não aborda uma parábola propriamente dita. Contudo, a história das ovelhas e dos bodes é no mínimo uma “quase parábola” na forma, e sua mensagem é incompreendida com tanta frequência que desejo concluir o livro com ela, que também vem imediatamente após as parábolas pregadas no sermão anterior. Essa última mensagem é, mais uma vez, um pouco diferente das outras apresentadas pelo fato de que explicitamente compara e contrasta as duas interpretações mais comuns do texto ao longo da história da igreja, e explicitamente defende aquela menos conhecida hoje em dia, ainda que tenha dominado o ensino da igreja por séculos. Também incluo uma aplicação ampliada.

## Reflexões sobre método homilético

Apesar da considerável diversidade na forma e na estrutura das mensagens distribuídas ao longo deste livro (aliás, nesse aspecto, não há dois sermões totalmente idênticos), o livro não cobre toda a gama de formas homiléticas possíveis de serem vistas na igreja de Jesus Cristo por todo o mundo hoje ou ao longo da história. Continuo firmemente comprometido com a tradição da pregação expositiva

como uma forma excelente de garantir que as mensagens de alguém estejam seguramente baseadas nas Escrituras, sem julgar outras tradições (ao contrário do que alguns fazem) como se elas fossem necessariamente ilegítimas. Haddon Robinson define a pregação expositiva como “a comunicação de um conceito bíblico — extraído de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, e transmitido com a ajuda desse mesmo estudo —, o qual o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e à experiência do pregador e, em seguida, por meio deste a seus ouvintes.”<sup>57</sup> Essa definição é mais ampla e ao mesmo tempo mais limitada do que outras. Ao usar a expressão peculiar “um conceito bíblico”, Robinson deixa entrever o que seu livro revelará em detalhes; ele crê que cada sermão deve ter uma proposição — ou “grande ideia” — central e unificadora. Em uma época em que tantos meios de comunicação competem por nossa atenção a cada semana, bombardeando nosso cérebro com tantas mensagens, faz bastante sentido, tanto no aspecto retórico quanto no psicológico, adotar esse princípio. Tente deixar seus ouvintes com um único pensamento repetido, destrinchado, ilustrado e aplicado de várias maneiras; eles talvez não sejam capazes de reter mais do que isso.

Contudo, conforme observamos anteriormente quando citamos Reid, nem sempre é possível afirmar que uma perícopes ou passagem bíblica contenha apenas uma única lição principal. Nesse caso, é possível escolher apenas uma das lições para um sermão sobre uma “grande ideia”, ou então tentar criar uma ideia maior e sintética que explícita ou implicitamente contenha várias partes, as quais o sermão passa a explicar. Essa é a opção que quase sempre tenho escolhido para não perder o grande impacto do ensino bíblico. Tendo a me identificar mais com as abordagens de Walter Kaiser e Gordon Fee, que desenvolvem esboços exegéticos a partir da estrutura gramatical de passagens e, em seguida, adicionalmente à proposição unificadora, incorporam em cada esboço homilético múltiplos subpontos baseados no esboço exegético.<sup>58</sup>

Embora nesse sentido minha forma preferida de pregação seja um pouco mais restrita (ou estruturada de modo mais detalhado) do que a de Robinson, em outros aspectos é mais ampla, uma vez que me sinto livre para incluir no rótulo de

<sup>57</sup>Robinson, *Preaching*, p. 20.

<sup>58</sup>Walter C. Kaiser, Jr., *Toward an exegetical theology* (Grand Rapids: Baker, 1981); Gordon D. Fee, *New Testament exegesis*, ed. rev. (Louisville: Westminster John Knox, 2002).

exposição bíblica as quatro formas que Lowry apresenta de pregação narrativa, até mesmo um sermão indutivo em que reorganizo as unidades principais do texto. Desconheço qualquer detalhe da filosofia homilética de Robinson sobre a pregação que exclua essa abordagem, mas o fato é que suas obras não as endossam em momento algum. Nessa questão, os modelos de Buttrick fornecem um precedente útil (veja minha análise anterior tanto de Lowry quanto de Buttrick).

Uma segunda questão de método homilético envolve a discussão mais ampla a respeito da pregação narrativa em geral. Na tradição evangélica, muitos, com frequência sem outro motivo a não ser o de que não foram expostos à pregação narrativa, olham com desconfiança para a empreitada toda. No entanto, uma defesa evangélica e um tratamento exaustivo excelentes do método, no que diz respeito à narrativa do Antigo Testamento, já está disponível, graças a Steven Mathewson;<sup>59</sup> outros insights esclarecedores estão espalhados pela obra mais teologicamente eclética organizada por Wayne Robinson.<sup>60</sup> Até mesmo públicos bem conservadores aos quais tenho pregado sermões totalmente narrativos têm reagido de forma invariavelmente positiva, às vezes com entusiasmo consideravelmente maior do que minhas pregações mais simples e diretas de um texto seção por seção. Em contrapartida, sermões narrativos tomam muito tempo na pesquisa, e é preciso considerável discernimento histórico para elaborá-los bem; se eu tivesse incluído mais do que um, é possível que eu estivesse colocando diante de meus leitores um modelo que muitos talvez não tivessem a esperança de reproduzir. Na verdade, ao longo dos anos criei apenas um único sermão inteiramente narrativo sobre uma parábola, de maneira que a escolha foi feita por mim. Mas deve ficar bem claro que existem elementos de pregação narrativa em praticamente todas as mensagens incluídas neste volume.

O que dizer, então, de outros gêneros de pregação em geral? Por definição, alguns são em grande parte excluídos de consideração em uma obra sobre a pregação de parábolas. Com exceção das metáforas curtíssimas de apenas uma frase, as quais não são narrativas no sentido pleno e, desse modo, não são normalmente chamadas de parábolas, a forma de “pregação textual” que separa um versículo e o examina detalhadamente não pode fazer justiça a uma parábola inteira de

---

<sup>59</sup>Steven D. Mathewson, *The art of preaching Old Testament narrative* (Grand Rapids: Baker, 2002).

<sup>60</sup>Wayne B. Robinson, org., *Journeys toward narrative preaching* (New York: Pilgrim, 1990).



vários versículos. É claro que seria possível extrair vários insights e entendimentos parciais legítimos de uma parábola, centrando-se em um versículo central ou em uma declaração dentro dela. De modo parecido, em geral a pregação “temática” procura descobrir o que um trecho das Escrituras tem a dizer sobre um tópico ou tema encontrado em mais passagens do que em apenas uma única forma literária como as parábolas. Mas, de novo, conforme assinaléi anteriormente, com certeza é possível desenvolver inúmeros aspectos centrais da teologia de Jesus sobre o reino examinando apenas uma coleção de referências às parábolas em alguma sequência temática.

Uma maneira mais estimulante de classificar formas homiléticas é fazê-lo de acordo com um método hermenêutico específico ressaltado. Raymond Bailey organizou um livro que, por sua vez, analisa e ilustra aquilo que é chamado de modelos “histórico”, “canônico”, “literário”, “retórico”, “afro-americano”, “filosófico” e “teológico”.<sup>61</sup> Elementos homiléticos que podem render ótimos dividendos com as parábolas aparecem em cada uma dessas formas. Mas minha formação é em pregação expositiva, e dificilmente me considero um mestre mesmo nessa tradição, por isso não tentei me tornar tudo para todas as pessoas e ilustrar cada forma homilética concebível. Deixarei que outros com treino em outras tradições decidam o que de bom podem tirar de meus modelos e incorporem em suas respectivas formas.

Mas chega de prolegômenos! É hora de passar para as narrativas eternamente fascinantes, as parábolas de Jesus, e ver o que podem nos ensinar, enquanto procuramos aplicá-las primeiro a nós mesmos como pregadores e professores e, em seguida, lidar com o assunto para descobrir a melhor maneira de comunicar aos outros o que aprendemos. Um último comentário introdutório deve tornar explícito o que, com frequência, fica implícito em muitos guias de pregação. Nada do que foi escrito aqui visa a ignorar ou menosprezar o papel essencial do Espírito Santo em dirigir seus porta-vozes humanos, nós a quem foi confiado o sagrado chamado de comunicar sua palavra. Mas o Espírito opera mediante toda a gama de discursos humanos — desde mensagens cuidadosamente refletidas até falas totalmente espontâneas. Na minha experiência, tenho tido regularmente a sensação de uma mensagem “se formar” com uma velocidade e clareza que não estavam presentes até um momento bem definível, após o que pareceu que o sermão

---

<sup>61</sup>Raymond Bailey, org., *Hermeneutics for preaching* (Nashville: Broadman, 1992).

quase se escreveu sozinho. Não tenho motivo algum para não atribuir à direção do Espírito Santo essa experiência constante. Contudo, raramente tenho tido essa experiência antes de ter passado um bom tempo refletindo sobre pontos, estruturas, sequências, ilustrações e aplicações possíveis, às vezes seguindo quase um processo mecânico de passos identificáveis na preparação do sermão.<sup>62</sup> Pelo menos para mim, parece que o Espírito opera melhor quando já há algo de valor ocupando a minha mente para servir de base para a elaboração do sermão! E, por fim, não alimento ilusão alguma de que minhas mensagens merecerão a inclusão em qualquer antologia subsequente de melhores contribuições. Espero, no entanto, que o formato deste livro tenha virtudes e utilidade suficientes para que aqueles com mais ânimo criativo do que eu possam apanhar os meus métodos e esboços e fazer algo artisticamente bem mais agradável ou espiritualmente bem mais poderoso.

---

<sup>62</sup>Além dos textos já citados, veja esp. John R. W. Stott, *I believe in preaching* (London, Reino Unido: Hodder & Stoughton, 1982) [edição em português: *Eu creio na pregação*, tradução de Gordon Chown (São Paulo: Vida, 2012)]; Walter L. Liefeld, *New Testament exposition* (Grand Rapids: Zondervan, 1984) [edição em português: *Exposição do Novo Testamento: do texto ao sermão*, tradução de Hans Udo Fuchs (São Paulo: Vida Nova, 1985)]; e Keith Willhite, *Preaching with relevance* (Grand Rapids: Kregel, 2001).

## A Parábola dos Filhos Pródigos e seu Pai

*Lucas 15.11-32*

**P**or vários anos Bob foi bastante ativo na Máfia. Ele havia sido criado como católico romano, mas deu as costas para sua formação e se tornou um chefe abastado no mundo do crime organizado em Chicago. Vendia drogas, explorava a prostituição e ele próprio desfrutava os prazeres de muitas “cortesãs”, ainda que tivesse se casado com Nancy, uma mulher que dizia ser crente, mas que não era muito comprometida. Na verdade, Nancy havia se casado com Bob para desfrutar da alta sociedade, da vida intensa, dos círculos em que ele atuava. Então Bob foi convertido de forma dramática por meio do testemunho de alguém da quadrilha. Não é possível imaginar uma vida mais transformada. Bob cumpriu pena de prisão e até mesmo levou vários presos ao Senhor. Depois de sair da prisão, ele continuou sendo um evangelista ousado e franco. Até hoje, compartilha regularmente sua fé, dentro e fora do trabalho, às vezes com pessoas totalmente desconhecidas. Apesar de uma esporádica falta de tato, ele tem sido notavelmente bem-sucedido em levar inúmeras pessoas a Cristo.

Mas agora o casamento de Bob está aos pedaços. No início, Nancy afirmou que estava contente com a mudança maravilhosa no marido. Contudo, logo ficou claro que ele tinha algo que ela não tinha. Nancy se cansou de ficar ouvindo aquela conversa sobre coisas espirituais. Hoje Bob já não compartilha com ela muito de sua atividade evangelística porque inevitavelmente Nancy o interrompe e começa algum tipo de discussão. Ela não vai à igreja com o marido e recentemente vem falando em divórcio. O que realmente a corrói é que Deus nunca lhe deu

aqueles dons que parece ter dado a Bob. Nancy sempre lutou com sua introversão em ambientes sociais. Em certos dias, ela simplesmente não tem certeza de quanto tempo ainda aguentará todo esse negócio de religião.

Johnny é um jovem afro-americano. Foi criado no centro pobre da cidade de Los Angeles. Seu pai nunca se casou com sua mãe e não esteve presente durante a maior parte da infância de Johnny. Quando se fazia presente, com frequência estava embriagado e era agressivo. Não havia cristão algum na família de Johnny ou entre seus amigos chegados. Ele se envolveu com gangues no início da adolescência, cometeu alguns pequenos delitos, mas nunca foi pego. Finalmente ouvir falar de um ministério cristão paraeclesialístico destinado a adolescentes, o qual promovia a integração de garotos negros e brancos. Era dirigido por um afro-americano que durante anos demonstrou na prática o amor de Cristo por Johnny, nas idas e vindas do garoto ao clube, quando este se endireitava por algum tempo e depois voltava a recair em seus velhos hábitos. Por fim, Johnny também creu em Cristo como seu Salvador. E, durante seus anos de ensino médio, passou a ser um dos líderes estu-dantis do clube. Depois de se formar, ele deixou o clube para se tornar um aluno bem-sucedido em uma faculdade teológica local. Ali conheceu uma moça branca chamada Debbie, que tinha uma visão de ministério em bairros pobres e com quem, por fim, ele se casou. Logo tiveram um filho; agora mais um está a caminho.

Johnny foi convidado a trabalhar em tempo integral para a organização que o levou ao Senhor. Mas havia um porém — ele teria de levantar seu próprio sustento. Vários colegas jovens e brancos, mais ou menos da idade de Johnny, fazem isso e se saem bem. Basicamente, todos frequentam regularmente igrejas brancas situadas em áreas nobres da cidade, onde está todo o dinheiro; mas bem poucas pessoas ou igrejas chegaram a se comprometer a ajudar Johnny. Na verdade, depois de tentar levantar sustento durante dois anos, ele vem recebendo apenas quatro-centos dólares por mês. Sua família ainda depende da ajuda do governo. Ele já pensou em desistir, em conseguir um “emprego de verdade”, mas vê seus colegas brancos se saindo bem nesse processo e se sente igualmente chamado. Contudo, quando ele apresenta seu ministério a pessoas em suas igrejas, fica claro que existe um racismo quase imperceptível em operação. “Apenas não temos certeza de que dá para confiar nele”, ele ouviu, sem querer, alguns dizerem. “Os negros não deviam se casar com brancos” tem sido a resposta de outros. “Estamos mandando dinheiro para a Europa Oriental; é lá que estão as verdadeiras possibilidades e